

# Psicanálise sem fanatismo

## Ficção & Fixão

MD Magno

Texto retirado de fala do autor em  
18 outubro, na série de seus *SóPapos* 2017.

**1.** *Ser*: o que se diz sobre emergências no *Haver* – Lacan: uma Teologia emprestada de Kojève. **2.** É tudo ficção, inclusive a ciência – Fixão: teoria e prática da ficção sem crença – Freud opera nas organizações, e não nas resultantes – Psicanálise: levar qualquer um próximo ao estado de Indiferenciação, mas sem abandonar o Mundo – Parâmetro de nossa espécie: enriquecimento pela disponibilidade da Pulsão. **3.** NovaMente: crítica das formações entendendo-as como meras formações – Mentalidade de Terceiro Império: maioria corre para trás assustada com a falta de referência – Quarto Império: respeito pela Diferença (*Diferocracia*) – Século XX: produções sintomáticas, comprometidas demais.

# 1

A questão do *Ser*, que vocês estão estudando aí, é um cacoete da filosofia. Que filósofo diz qual é o *Ser* (dele)? Heidegger? Este nada disse, ficou chovendo no molhado. O que é isso, o *Ser*? Uma dor? Confunde ele *Ser* com *Haver*?

• P – Às vezes, Heidegger parece querer expressar algo da ordem da derrelição, da perplexidade, mas se enrasca e expressa nos compromissos de *Ser*. Ele calça em linguagem (na língua grega e na alemã)...

Foi aí que separei. *Ser* é o que se diz a respeito de qualquer emergência no *Haver*. Há situações quanto às quais temos que

rebolar muito para dizer o que são. Já citei *Bruit Secret* (Ruído Secreto), de Marcel Duchamp, que considero perfeito para distinguir. Lá dentro *há* um troço que faz barulho, mas não se sabe o que *é*. Suponho, então, que tudo isso esteja embrulhado na ideia de Ser de Heidegger (*Dasein*, Ex-sistência...). Ele exemplifica bem essa coisa de Ser, da ordem do Logos, que atravessou a filosofia. Então, é pura ficção.

- P – *Lacan bebeu muito aí.*

São os defeitos de Lacan, que têm sobra de Heidegger e do famigerado Kojève.

- P – *Há também o estruturalismo.*

O estruturalismo poderia ser mais leve. Por que esse peso? Alguém pode me explicar o que é o Nome do Pai? O nome disso é *Teologia*. Custamos a ver, mas, ao lembrar de Kojève, fica claro que Lacan tomou emprestada uma Teologia. O que atravessa o comportamento intelectual – não direi filosófico, pois não é o dele – de Kojève é uma posição teológica. Lacan nunca falou nisto, mas se ancorou numa ideia de sustentação da Lei que não tem definição senão por fora. O que sustenta a lei do quê? Só Deus. Acho isto uma influência de Kojève. O que é a forclusão do Nome do Pai? É, segundo Lacan, o mesmo que forclusão da Lei. Ou seja, não entrou na cabeça da pessoa uma ideia de Lei. O que, historicamente, sustenta uma lei? Deus. Aí passaram manteiga e tornaram a sustentação democrática. Mas cadê o povo? O poder emana do povo, a ordem de valores, etc.,

vem do povo. O que é esse povo? Povo só tem folclore, mitologia. Quem é o soberano? Democracia é uma grande mentira, não existe e nunca existiu em lugar algum. Foi uma vontade de existência, mas é o apelido de um joguinho de cena para alguns tomarem o poder, os valores...

• P – *É a denúncia de Carl Schmitt: o poder se sustenta numa vocação teológica. A democracia faz o truque de alegar que tudo se decide na ordem parlamentar representativa*

Ele, que era teólogo, denunciou isso.

## 2

A resultante que pode ser o miolo da Nova Psicanálise se resume a: **É tudo ficção**. A ficção mais absurda, quando tomada como referência, passa a ser o nomeador soberano do Poder. O errado é raramente qualquer pensamento declarar que é ficção. Estamos perdidos, não sabemos onde estamos, quem somos, para onde vamos, e aí inventamos uma ficção. Pode ser Branca de Neve ou qualquer outra coisa – e faz-se um Estado, uma religião, como pura ficção. Digamos que, de origem, tenha um valor poético, mas no que se congela tal ficção e diz-se que ela é a referência, a verdade, isso e aquilo, acabou!

• P – *Podemos falar em ficção no sentido de agregar pessoas?*

Ela é útil no sentido mesmo de criar uma sobrevivência, uma maneira de governo, de organização. E justo o que não é analisado na política, no social, etc., é que são ficção. Pessoas que pretendem determinar o encaminhamento mediante poderes fazem questão de romper esse entendimento, e querem que *acreditemos* naquilo. Mas, se tomarmos como ficção, só pensaremos *ad hoc* – o que é a mentalidade que está chegando com o Quarto Império: a mentalidade de, ao procurar a referência, manter a pergunta sobre qual é. A própria ciência também é ficção, mesmo sendo uma ficção que tenta ter o máximo de verossimilhança em relação às coisas, ou sei lá o quê, e operar de tal maneira que, às vezes, funciona. A ideia de átomo, por exemplo, funciona dentro daquela ficção, mas tem o limite da transa ficcional com uma realidade que não se sabe. Já as pessoas *acreditarem* em átomos, isto é religião. Isto por não poderem lidar com um fenômeno que chamam de átomo, que não sabem o que é, e sobre o qual se cria uma ficção parecida com o que ele parece que é. Não se toma como ficção nem mesmo na cabeça de cientistas, ainda que eles sejam os que mais estejam perto de ter uma desconfiança de que é preciso fabular.

**A Nova Psicanálise – que *também é uma ficção* – é a tentativa de constituir uma psicanálise sem fanatismo.** Notem que estou dizendo que é *tentativa*. Os cientistas, às vezes, se esquecem de que estão utilizando um modelo de abordagem, e ficam fanáticos: são eisteinianos, darwinianos...

Há uma imbecilidade nas pessoas que precisa ser curada o tempo todo. Em última instância, como tudo é ficção, temos que ter um cuidado enorme para não virar religião. Por isso, falei em *Psicanálise: Arreligião*. Como sabem, é uma ambiguidade: evita-se a religião, mas cuidado!, a tendência de toda e qualquer ficção é virar religião. Elas têm isto na alma. As pessoas aderem a uma ficção para não ficarem perdidas. Mas como é muito difícil suportar a ideia de derrelição radical, ao invés de recorrerem a várias possibilidades, tomam uma e transformam em referência e pensamento radicais únicos. Digo, então, tomei o que sabia de psicanálise – é só com isto que posso trabalhar – e tentei montar um aparelhinho abstrato, que, repito, também é uma ficção (Haver desejo de não-Haver, Revirão, etc.), e que, se for utilizada como *ferramenta* para a psicanálise, não serei fanático. Isto porque este aparelho toma tudo que se pensou a respeito de psicanálise e tudo que se pensou no mundo – ele inclui tudo.

Diante de um problema, onde buscar uma ideia que esclareça sobre ele? Em Jung, por exemplo. Não interessa a briguinha – de veados, aliás – entre Freud e Jung. Se fossem mais sérios, não ficariam assim. Por que o próprio Jung chama o que faz de psicologia analítica? Porque opera nas resultantes, no *fait divers*, nos acontecimentos. Por isso, sua obra é uma montoeira de coisas. Ele só lida com fatos em geral derivados de certa concepção de psiquismo. Freud faz o trabalho contrário,

tenta operar nas organizações, e não nas resultantes. Não conseguiu fazer muito bem, pois estava começando. Dizer isto não o desmerece, pois ele foi enorme: fez muito mal *o que tinha para fazer*. Como não tinha outra coisa, veio com Édipo, etc. Aí, briga com Adler. Por quê? Por que Adler era alguém viciado em sua própria história (como todos, aliás), por que era um ser “inferior”? Ele se tratava como um ser inferior. Inventou o complexo de inferioridade, que existe mesmo, mas é apenas uma organização patológica entre outras.

Então, depois de Freud e todos os outros, não dá para tirar um denominador comum, algo para baixar a febre dessa história de pouco mais de cem anos, que ainda não teve tempo para crescer? Não é possível um aparelhinho enxuto por mais ficcional que seja? Como disse, tentei para meu uso aprontar esse aparelho, um aparelho que pode até buscar fora da psicanálise – na história, na filosofia, na arte... – argumentos de intervenção e de cura. Isto porque é tudo a mesma coisa, apenas com cenários diferentes. Tudo se articula do mesmo jeito, não há outro jeito de gente se articular.

• P – *Poderíamos dizer que a psicanálise seria a teoria e a prática da ficção como Fixão, como você chama? Ou seja, a ficção acrescentada da ideia de fixação. Minha pergunta parafraseia Eli Zaretsky que diz que a psicanálise foi a primeira teoria e prática da vida pessoal.*

Há que pensar sobre isto. Por que a psicanálise seria a dona da ideia de ficção? Em toda a história do pensamento, fica tácito que se está fazendo ficção. No fundo, os autores têm certa ideia disto, mas não declaram. Aquele que mais gosto de citar é Popper que, depois de dizer o que era e não era ciência, diz que é preciso *acreditar* que é o que ele diz. Então, por que não disse no início, antes de ficar despejando regra no planeta sobre o que é e o que não é ciência? Se o fizesse, veríamos depois, com mais clareza, a fabulação que ele aprontou a respeito. Mas como pensar, quanto a isso, a literatura, a história da crítica? A história da literatura é ficcional visando uma verossimilhança qualquer. Ainda por cima, a crítica vem dizer o que é isso que se ficcionou e como.

- P – *Há teóricos que são sensíveis à questão. Por exemplo, Wayne C. Booth, com A Retórica da Ficção (Lisboa: Arcádia, 1980), em que, sobre o Livro de Jó, menciona a frase: “Jó é um homem bom e temente a Deus”. Há um narrador aí. Como pode ele afirmar que Jó era bom e temente a Deus? A não ser que se constitua como narrador absoluto, consciente de todo o processo.*

Trata-se de um narrador que é determinante. Ele determinou que é assim. Como cortam esse pedaço, a tendência é reificar. Isto, quanto a qualquer ficção. Meu pavor é alguém vir a colocar em natureza o que eu trouxe como ficção. É uma questão de ter colhão – esta é a palavra certa em português –

para não naturalizar as coisas, para andar em cima de nuvens, apavorado, com medo, sabendo que está tudo errado, que nada se sabe... Acho que, se a psicanálise funciona, é para levar qualquer um a esse estado. Mas levar alguém próximo a esse estado *sem abandonar o Mundo*. A postura é que é outra. Vejam, por exemplo, alguém como Jacques Derrida, que me dá grande irritação. Ele inventa um negócio que chama de *desconstrução*, que nada mais é do que *análise*, e prova o óbvio para qualquer um que pense: o que quer que se apresente discursivamente – parede, natureza, etc., também são discursos – sofre de um logocentrismo que, posto sob a mira da desconstrução, se mostra como nada, pois foi construído. Ou seja, descobriu a pólvora. Só que, no que se encaminha em seu projeto de tudo desconstruir, chega à ideia de que apenas um Messias poderá dar sentido a isso. Para que serve esse encaminhamento? Para sabermos que tudo é construído? Podemos analisar tudo para saber que é mera construção, mera produção de formações, mas formações que estão aí e temos que lidar com elas. Dizer que fodeu tudo, que só um Messias pode nos salvar, é algo pré-cristão...

- P – *No caso dele, seria uma teoria incompleta da ficção?*

É isso. Fico irritado porque ele salta fora das formações que são duras e com as quais temos que lidar. Não cabe chamar Messias algum, e sim voltar cá para dentro, pois há o que fazer. Eu o li no começo, no tempo da *Gramatologia*, mas não tenho



mais paciência com ele. Apresentou uma diferença dentro do pensamento francês que, este, aliás, já é a paranoia total. O século XX não é apenas paranoico na política, mas também no pensamento. É preciso rifá-lo, sair dele. E Derrida, então – que é argelino, vem de um mundo de mentalidade muçulmana, no qual não se pode falar ou fazer arte, pois só há a escrita –, faz a gramatologia. É seu cacoete, como qualquer um tem o seu. Eu tenho o meu, meu sintoma é assim, pega ou larga. Mas, no caso dele, não é tomado como cacoete, e sim como diferença.

• P – *Você gostou quando ele disse que a psicanálise era “sem álibi”.*

Mas, na ordem da ficção, acabou o álibi. Isso aí é a morte do século XX, junto com Lacan. Embora Lacan tenha sido mais esperto do que essa gente toda: dá uma volta aqui, outra ali, escorrega, fala difícil... Ele sobra mais do que os outros, mas, repito, é fechamento de século XX. Sobretudo, da França. Nada no mundo representou teórica e artisticamente o século XX como a França: todos os pensadores e artistas são comprometidos. E Derrida vai ao extremo. Os americanos o adoram. O que eles, que são completamente mercado, veem nele? Não dá para dizer que seja um pensamento sustentável, pois vai e não volta. Pensamento sustentável vai lá fora e volta para lidar com o mundo, com o Haver. Esse aí fica olhando para o céu à espera do Messias.

• P – *O pensamento da NovaMente fala desse vai e volta como: a análise, em sua prática, é arte de transformar o sonhador em artista; Análise Propedêutica e Efetiva; a conjugação de nominalismo e realismo; a Pessoa como obra de arte em progresso... E isto é teoria e prática da ficção.*

A Nova Psicanálise é isso, mas não sei se é a única a ser assim.

• P – *Brecht fez isso com seu efeito de estranhamento.*

Ele quebrou a cara, pois as pessoas querem o me-engana-que-eu-gosto. E o teatro é o lugar do me-engana-que-eu-gosto. Ele pensou em colocar a verdade no palco. Isto não é possível. Basta ver que quem venceu foi Stanislavski, aquele que criou o me-engana-que-eu-gosto de alto nível. Está aí na TV Globo, no cinema norte-americano... E os cineastas que querem sair disso são piores ainda, pois o resultado fica mais enganador.

Derrida é sem esperança, é desesperado. E o mundo que apresenta é desesperador – mas fica esperando o Messias. Coisa que os judeus já tinham inventado há milênios, e estão até hoje esperando. Ao dizer que a Nova Psicanálise é uma tentativa de produzir uma psicanálise sem fanatismo, não estou dizendo que ela seja capaz de analisar tanto que chegue ao zero. Isto, aliás, é algo importante na Cura: a análise deve caminhar até a pessoa chegar ao ponto de poder exercer a Indiferenciação. É **Indiferenciação na consideração do mundo**, e não de ser indiferente, mesmo porque não se consegue isto. A consideração

do mundo a mais indiferenciada possível é um *work-in-progress*, não se *chega* lá. A Nova Psicanálise, portanto, não é Derrida porque oferece parâmetros.

Os antropólogos talvez quererão me matar, pois vivem – e Lévi-Strauss incentivou isso – da ficção de que os primitivos são sociedades e culturas diferentes, que temos que respeitar, etc. Para mim, esta ideia se resume em: se houver um cataclismo, isso que vivemos não será possível, então, é bom haver uma reserva para sabermos como se começa de novo. Então, deixemos os índios e as onças lá, pois podemos precisar deles. É um *backup*. Os antropólogos, sobretudo os de hoje, não sabem disto que estou dizendo. Fico até com pena, pois o *backup* é deles, e não meu. Se estou definindo esta espécie chamada de humana – a qual, aliás, é absolutamente dispensável – como pertencente ao campo de uma espécie genérica chamada de IdioFormação, o que a caracteriza é o Revirão. E se é o Revirão que a caracteriza, nós, mesmo de carne e osso, **somos uma espécie que tem um parâmetro que é: enriquecimento pela disponibilidade da Pulsão**. Se somos constituídos em termos de Revirão, qualquer coisa que pararmos é Morfose Estacionária. Uma neurose, uma Morfose dessas, pode durar séculos, mas ela não qualifica, não define a espécie. Então, de saída, temos por definição que esta espécie não pode parar, ela inventa todo tipo de merda... Ela tem um encaminhamento permanente, ao qual não interessa no que vai dar. Pode dar na

desgraça. É, aliás, até melhor dar lá, acabar com esta espécie – e ela ter antes já inventado outra IdioFormação um pouco menos estúpida. Esta nossa é estúpida demais por funcionar dentro do macaco e não conseguir muita abstração.

Quanto a mim, não tenho respeito por diferença cultural alguma, simplesmente aceito que ela haja. Mas, se não andar, não respeito. Isto, não porque tenha a ideologia do progresso, e sim porque: Revirão *dixit*. Se esta é a característica que suponho haver na espécie, ela não para. Pode até ser devagar, demorar séculos em determinada estação, mas o que a caracteriza, repito, é o enriquecimento, obter cada vez mais coisas. Isto é que é cultura, civilização: não parar, ir à lua, essa loucura que nos caracteriza – e não a paralisia do índio, que é Morfose Estacionária no sentido de que devem coibir os poetas que nasçam lá. Não é possível não nascerem índios que inventem uma formação diferente. Mas, como a sociedade é pequena, dura, enrijecida, são logo calados. Se abrirem a boca, tomam porrada no ato. No pensamento da psicanálise não cabe esse tipo de raciocínio caro a antropólogos. O enriquecimento, repito, é produzido, conseguido por disponibilidade da Pulsão. A Morfose Estacionária mata a disponibilidade. Se entramos em nosso regime específico de IdioFormação, a disponibilidade vai enriquecendo tudo. É mito não do progresso, e sim do enriquecimento, da produção cada vez maior e mais sofisticada de lixo. Stephen Hawking, uma cabeça excepcional, outro dia

alertou a humanidade para o perigo de apostar demais na tecnologia, pois ela vai acabar com a espécie humana. Bacana! Espero que acabe logo. Mas ele, com a cabeça que tem, quer frear o processo das IdioFormações?

• P – *Logo ele que só consegue transmitir o que pensa por causa da tecnologia.*

Não acabou com a humanidade dele. Pelo contrário, deixou-o vivo e ceiado. Vejam o tamanho da neura, que pega até em alguém brilhante. Não há que ter medo de que esta nossa espécie acabe, e sim acelerar, acabar logo para sobrarem IdioFormações mais disponíveis. Nossa espécie tem dor de barriga, câncer, é preciso acabar com isso. É plausível hoje – e muita gente já sabe disso – surgir uma civilização robótica que, no entanto, é gente porque revira, fala, etc., e que, quando sente essas coisas ruins que sentimos, troca uma peça e resolve o assunto. Pode-se substituir todas as peças da pessoa e ela continuar a mesma. Esta é a suposição de imortalidade, pois, mesmo que seu hardware se destrua, seu software está armazenado em outro lugar. Ou seja, para acabar com ele, há que acabar com o sistema solar. Aliás, não há dúvida de que o sistema solar acabará. A não ser que mudemos para outra galáxia, o sol comerá tudo.

• P – *E o verão está chegando aí...*

Pois é.

### 3

A postura do que chamo NovaMente é de uma abstração radical, uma crítica radical das formações entendendo que são meras formações, mas não diz para sentarmos e esperar um Messias, e sim que há que voltar e lidar com as coisas.

O que espero que o Quarto Império faça – não é uma esperança, e sim que estou esperando acontecer – é que, se chegar lá, a atitude abstrativa será genérica. É capaz de eliminar muita doencinha do Terceiro Império que, por exemplo, é cheio de gente fazendo filho desbragadamente. Isto sempre foi bom para produzir escravos, mas eles já não são mais necessários hoje. O que se faz com essa gente? Lixo antropológico – é o que acontecerá. Uma multidão dentro de campos que, por vergonha, não serão chamados “de concentração”. Como a mentalidade de Terceiro Império ainda está vigendo, a maioria está correndo para trás assustada com a falta de referência e com as grandes transformações. Teremos, pois, longos períodos de obscurantismo radical. Querem colocar no mundo aquilo que sustenta a estupidez retrogressiva de suas igrejas, inclusive “psicanalíticas”. Mas isso, no final, virará lixo, pois, ao mesmo tempo, a minoria pensante está pensando e produzindo em avanço. Basta imaginar que quando a mentalidade celular

estiver dentro de nós, e não apenas nos aparelhos, será difícil sustentar o movimento de atraso.

• P – *Pode-se dizer que o que você traz como “é tudo ficção”, nos dois sentidos de ficção e fixão, é um desdobramento de sua teoria do Artificialismo?*

O Artífício Espontâneo, como chamo, não é muito legal com a gente. E mais, não adianta ficar brincando de salvador porque o planeta será desgastado, queiramos nós ou não. Outra civilização que morar aqui não precisará dessas coisas “naturais” a que estamos acostumados, de que sofremos e que são repressoras. Por isso, digo que não será preciso da reserva defendida pelos antropólogos. Será outro tipo de IdioFormação. Repressora é qualquer formação que iniba o movimento da disponibilidade, que fica segurando: é a estupidez de ficar paralisado. Para vermos que é uma neura radical, basta tomar *qualquer* religião, que chega no limite e quer eliminar os outros para ela ser a única verdade.

• P – *No Quarto Império não caberia essa eliminação?*

No Quarto Império, as pessoas gostando ou não, começa a aparecer quase como necessidade o respeito pela Diferença. É o que chamo *Diferocracia*. Há que brotar um modo de convivência entre grupos, etc., em que esteja claro que um está estacionado aqui, outro acolá, e que o movimento de um serve para algumas coisas e o do outro para outras. Não estou dizendo que isso virará uma generalidade – coisa que, se existir, só

acontecerá no Quinto Império –, e sim que o Quarto Império terá que reconhecer esse respeito pela Diferença. Não é possível termos fanatismos, sobretudo os científicos. O que vemos hoje são patotas religiosas brigando dentro da ciência numa imbecilidade de sentido eclesiástico. Fora da ciência é pior ainda. Não há disponibilidade psíquica de querer para si o que quer que preste, venha de onde e de quem vier. É possível cada um seguir seu caminho dentro da ficção que escolheu e se aproveitar de resultados de outros caminhos, de outras ficções. Esta seria a postura do Quarto Império.

- P – *Retomo Carl Schmitt, que define o conceito do político por via da relação amigo/inimigo. O extremo é a eliminação do outro.*

A política é isso. Ela, que não é filosofia ou psicanálise, vive da relação amigo/inimigo. Minha pergunta é sobre a possibilidade de se constituir uma Diferocracia em que não se trate de amigo/inimigo, em que se tenha saído do jogo político da história e se esteja na Diferença e *no jogo* da Diferença, com todo respeito. Se alguém quiser continuar índio, que o faça, mas não queira me levar para lá. Schmitt tem certa razão, pois até agora a história foi assim.

O século XX não serve de exemplo para ninguém. Todas as suas produções, além de serem *extremamente* sintomáticas, são comprometidas demais. Com muita frequência, não são um processo de disponibilização, e sim um aparelho de guerra. Isto



porque estão sendo pressionadas pelos outros aparelhos. Acho mesmo que toda a obra de Foucault, o que a fez ser como foi, resulta da opressão sobre sua homossexualidade, a qual acabou o matando. É uma obra maravilhosa, mas é preciso entender que é de tanta pressão sobre a pessoa que o século XX a produz. Vejam também o fanatismo do significante. Não é a seu uso que me refiro, pois podem continuar usando, e sim, repito, ao fanatismo. O Nome do Pai, então... E quanto ao “*l’inconscient est structuré comme un langage*”, de Lacan, vocês sabem que mudei para “*comme on l’engage*”. Isto porque é também, mas não só, dependente da linguagem. Vejam que não dá para sustentar o século XX. Nem Einstein é sustentável. A teoria da relatividade, que foi genial em seu momento, já está sendo criticada pelo pessoal da *teoria das cordas* e por outros. Aliás, jamais se deve dizer que algo é impossível de ser provado. Outro dia, li numa revista francesa (*Science & Vie*, julho 2016) a chamada de capa: *Pourquoi on ne saura jamais... Dans quel univers vit-on vraiment? Que ressent l’autre?* E por aí vai. Como sabem eles, hoje, que jamais saberemos? Parece Sócrates que dizia “só sei que nada sei”. Alguém precisava ter dito para ele parar de falar merda, pois ele sabia um monte de coisas. O que ele tinha era uma ignorância imensa, mas não que nada soubesse. Não vai dar para passar por cima do Quarto Império, tratem de acelerar os processos de sua implantação.

- P – *Como o Quarto Império lidará com as ficções?*

Lidará sabendo que são ficções. Como disse, trata-se de usar a ficção supostamente mais adequada, seja qual for ou de quem for. Só há ficção, a qual sempre acaba sendo fixada.

- P – *É o caso dos contos de fada, que acabaram sendo quase que co-naturalizados pelas versões de Walt Disney.*

Já lhes disse que há muito tempo pretendo escrever um livro intitulado *Cantos de Fodas*. Mas observem que têm a ver com o desejo das pessoas, de meninas que queriam (e querem até hoje) ser Cinderela, encontrar um príncipe que lhes deem um palácio... Disney coloca lá para elas se identificarem

O século XX continua rolando por aí para nada. Mesmo a tecnologia está em retardo. Não me canso de repetir que a maioria das pessoas está apavorada e correndo para trás. Temos que tomar cuidado, pois elas matam gente.

- P – *A nova versão do filme Blade Runner que está nos cinemas, ao contrário do original, de 1982, é retrogressiva, é: “queremos família”, “queremos reprodução”...*

Isso vai proliferar geral. Estamos de novo no regime das sociedades secretas. Só nelas será possível falar o que se pensa.

- P – *No Livro de Areia, diz Borges que o melhor lugar para se esconder um livro é a biblioteca.*

Você publica, ele vira lixo e ninguém vai ler. Quem da massa leu *Ulisses*, de Joyce? Lacan falava que as pessoas diziam não conhecer sua tese de doutorado, mas por que ela esgotou? Ninguém leu?

A referência direta do Terceiro Império, como sabem é o Secundário. Estamos saindo dele. O Quarto Império, referido entre Secundário e Originário, é dilacerado, e o será até o fim como também foi o Segundo Império, cuja referência ficava entre Primário e Secundário. Ou seja, o Quarto Império é dilacerado por não ter referência única, como tampouco teve o Segundo. Quando este se estabiliza mais ou menos, começa a inventar o Terceiro Império. Temos que ter noção disso, mas é preciso saber que o Quarto Império não é para nós. Podem anotar que a situação ficará pior do que está, pois ainda não estamos no momento de destruição do Terceiro e, mais, estão todos correndo para trás. Correndo de volta aos “bons tempos” do Terceiro Império.

• P – *Em 1995, você falou da clínica como “aparelho de simulação da suspensão dos recalques” e que se tratava de analisar formações, e não indivíduos.*

Cada pessoa carrega uma massa de formações estacionárias dos mais diversos níveis. Não há indivíduo algum aí, e sim a resultante de uma baderna de formações (religião, país, etc., uma verdadeira lata de lixo). Vemos analisando durante décadas no consultório analisarem muita coisa, mas sem tomar noção – têm mesmo uma recusa – de um cristianismo radical do qual não conseguem se livrar, o qual prejudica suas vidas. É uma formação que faz lastro, que pesa lá no fundo, e, ali, eles não saem do lugar. É algo difícil para qualquer um de

nós fazer uma crítica extrema de sua formação. Para fazer isto, é preciso pensar a partir de um suposto ponto de vista indiferente.